



**Conselho Editorial**

Marcia Polido  
Alba Abreu  
Roseli Rodella Oliveira

**Revisão**

Marcia Polido

**Projeto gráfico**

Alexandre de Almeida Andrade

**Fotolito e Impressão**

Gráfica J. Andrade

**Tiragem**

2.000 exemplares

**Colaboraram neste número**

Iêda Alves de Souza

Os textos dos membros, associados e interessados podem ser entregues no **Banco de Textos** do Projeto Freudiano e deverão ter 2 laudas, espaço 2, fonte Arial, tamanho 12, papel A4, com revisão gramatical, para serem selecionados pelo conselho editorial.

# Sumário

# Sumário

32.805.426 / 0001 - 09  
PROJETO FREUDIANO - PSICANÁLISE E ENSINO  
Av. Afonso Arredo, 675 - Edif. Luiz Cunha  
Sala 607 - B. 13 de Julho - CEP 49.020-240  
Aracaju - SE.

## 1. APRESENTAÇÃO

- 1.1 A questão da feminilidade.....2

## 2. ESTUDO: O FEMININO E A PSICANÁLISE

- 2.1 Da mulher à mãe .....3  
*Thaís Nascimento (membro do Projeto Freudiano)*
- 2.2 O desejo da mãe e a função paterna na estruturação do sujeito .....4  
*Simone de Senna Gouveia Valença (associada do Projeto Freudiano)*

## 3. A FORMAÇÃO DO PSICANALISTA

- 3.1 A falta do sujeito e a causa analítica .....6  
*Carla Storino (membro do EPCL\*)*
- 3.2 Algumas reflexões sobre a formação do analista .....7  
*Jorgina Jacob Ribas (associada do Projeto Freudiano)*

## 4. PSICANÁLISE E CULTURA

- 4.1 O amor na psicanálise e na literatura.....8  
*Andréa Brunetto (membro da EPCL\*)*
- 4.2 O Enigma do Amor .....10  
*Daniela Sobral Gama (membro do EPCL\*)*
- 4.3 Poesias.....11  
*Pêssego - Maria Lúcia Dal Farra*  
*Tempo - Lenora de Almeida Melo Silveira*

## 5. PONTO DE VISTA

- 5.1 Pode a psicanálise prometer a felicidade? .....12  
*Alba Abreu Lima (analista membro da EPCL\*)*

## 6. ENTREVISTA: TACIANA MAFRA .....14

## 7. INFORMES E NOTÍCIAS DO CAMPO LACANIANO .....16

# Apresentação

A QUESTÃO DA FEMINILIDADE - Conselho Editorial

Nos últimos tempos, as mudanças instauradas na família sugerem uma nova significação para a feminilidade: nomeada de 'liberada', a mulher segue, encenando papéis novos e antigos para atender aos anseios da economia capitalista. Ou seja, o novo tipo de mulher resguarda tanto sua posição social frente aos afazeres domésticos, pois continua com as características maternas, quanto sua posição na esfera econômica diante de sua atuação, segundo uma vertente 'liberada' e racional que resulta na divisão da mão-de-obra com os homens. É sempre bom lembrar que, de acordo com o Código Civil Brasileiro, as mulheres adquiriram os mesmos direitos e deveres que os homens em relação à família e ao trabalho, porém, tal como antes, é exigida a elas competência maior para galgar os mesmos postos que os homens.

A feminilidade é o tema central dessa edição por ser um assunto tão caro à psicanálise, pivô de acusações contra Freud e de uma série de mal-entendidos e controvérsias. Embora Freud tenha-se negado a participar de qualquer movimento libertário feminista, sob alguns aspectos, sua obra aproxima-se dos ideais igualitários do iluminismo quando confronta o sexo biológico com o psíquico, sustentando que, no inconsciente, não há diferença sexual.

Na atualidade, a mulher moderna depara-se com a divisão de cuidar da família

e, ao mesmo tempo, de ganhar espaço no mercado de trabalho, o que abriu o campo ao jogo de comparações entre o masculino e o feminino, tomados em oposição.

No campo social, o fato de a mulher dividir-se entre cuidar da família e, ao mesmo tempo, conquistar espaço no mercado de trabalho, tem contribuído para que homens e mulheres sejam tomados como pólos em oposição. A psicanálise, no entanto, ensina-nos que, entre o feminino e o masculino, se não há relação de oposição, também aí não se insere nenhuma relação de complementaridade porque o funcionamento de um e de outro obedece a lógicas diferentes.

Com o ensino de Lacan, podemos, hoje, compreender que Freud não conseguiu avançar mais do que a equivalência mulher/mãe, em que a criança aparece no lugar de resposta à demanda fálica da mãe, isto é, a mulher, quando mãe, esgotaria nesse significante a possibilidade de continuar a ser um ser desejante, já que o filho faria uma espécie de sutura para seu desejo. Sem dúvida, uma interrogação ficou posta nesse ponto do escrito freudiano. É o chamado enigma da mulher.

Lacan propôs a mulher não toda que, embora também submetida à ordem fálica, como Freud havia proposto, acolhe um gozo suplementar cuja possibilidade é extraída de seu próprio desejo sempre em aberto.

# Estudo: O Feminino e a Psicanálise

## Estudo: O Feminino e a Psicanálise

DA MULHER À MÃE - *Thais Machado Nascimento*

A visão sobre a sexualidade, a feminilidade e a maternidade tem sofrido modificações históricas, culturais e teóricas ao longo dos séculos e, principalmente, a partir dos estudos psicanalíticos de Freud e Lacan, referenciais teóricos norteadores do presente estudo. O que se passa em relação à questão da maternidade nos dias atuais?

Percebemos, ainda, em nossa cultura uma visão biologicista da maternidade, como se ser mãe fosse algo tão básico e intrínseco à condição de ser mulher que ser mãe parece estar vinculado à ordem instintual e estaria presente em todas as mulheres, como algo da ordem da natureza. Algo que seria similar à expressão idealizada que se tornou rotineira: "instinto materno". Por muito tempo, o papel da mulher confundia-se com o papel de mãe, sendo este percebido como uma característica de normalidade para a mulher. Certamente, essa visão reducionista da mulher acaba por incluir no imaginário da população sobre o que é ser mãe, como algo instintual, natural, ou melhor, mãe é aquela que pare, que coloca "um filho (concebido como um filhote de mamífero) no mundo". A mãe passa a ser vista em nossa sociedade como aquela que se sacrifica pelo filho, como a Virgem Maria.

Como a psicanálise explica a maternidade?

A escuta psicanalítica, que orienta minha prática como psicóloga no Juizado da Infância e da Juventude, leva-me a apontar que não há instinto materno, podendo ser ambígua a significação da gravidez, e a atitude da mulher pode ser ambivalente frente à maternidade.

O que pensarmos dos inúmeros casos apresentados por jornais, revistas ou presentificados nas falas de inúmeras *genitoras* que

abandonam seus próprios filhos, colocando-os em situação de risco? Ouvi, certa vez, o relato de uma dessas "mães" que explanava: "abandonei meu filho porque ele não me pertence; eu nem queria que viesse ao mundo!" Portanto, estamos diante de fatos que nos direcionam a uma reflexão sobre a maternidade, fazendo-nos lembrar o pensamento de Lacan, quando aponta que a fecundidade e a maternidade não estão submetidas às leis da natureza apenas, mas intrincadas à ordem da cultura, da linguagem, sendo, portanto, mediadas pelo simbólico e, acima de tudo, pela ordem do desejo.

O desejo, sua impossibilidade de insatisfação, bem como sua ligação com o prazer e com a sexualidade, é tomado com grande destaque em toda a teoria de Freud. Ele vincula à função de mãe uma dimensão sexual e vincula o desejo ao que é da ordem da falta, do que é almejado, buscado. Parece, então, que isso nos aponta sobre a problemática do ter e não ter o falo, evidenciada por Freud.

Freud, ao pesquisar sobre a sexualidade feminina, relaciona-a com a questão da maternidade e de como se dá a passagem edípica para cada sujeito.

Ao desenvolver a teoria do Édipo na menina, ele se confronta com muitas dificuldades e a elabora a partir do desenvolvimento do Édipo no menino. Por isso, seu modelo é imaginário e toma o biológico do corpo (pênis) para explicar algo universal que Lacan atualiza como da linguagem.

Em seu texto de 1932, "A Feminilidade", Freud conclui que a inveja do pênis é o elemento constitutivo da sexualidade feminina, ou seja, o que

faz com que a menina afaste-se da mãe, seu primeiro objeto de amor, e aproxime-se do pai, seu novo objeto de amor, mediante o desejo de possuir algo que entende não possuir. Baseando-se na equação simbólica proposta por Freud, em "Algumas conseqüências da distinção entre os sexos", o desejo materno pode ser entendido na medida em que o filho passa a ocupar o lugar do que lhe falta, em que a mulher abandona seu desejo por um falo e o substitui por um filho. É no filho que a mãe vai imprimir as marcas pulsionais, fabricando, assim, uma história diferente para cada filho.

Desse modo, podemos inferir que é o desejo de um filho que possibilitará à mulher o acesso à maternidade, concluindo que a castração continua determinante, visto que a maternidade seria apenas uma das saídas da feminilidade, ou uma das possibilidades de "tamponar" essa falta, como uma operação lógica do desejo.

Passamos, então, a perceber a maternidade além de um processo biológico (a gravidez e sua decisão pelo nascimento, pelo aborto, pelo abandono, pela acolhida), mas enquanto desejo de ter ou não ter filhos. Podemos concluir que a decisão da mulher em acolher seus objetos e em ser efetivamente mãe está diretamente ligada aos próprios desejos inconscientes, implicados em sua sexualidade e, conseqüentemente, em como se deu sua passagem edípica. Isso caracteriza o que Lacan coloca como a singularidade de cada sujeito frente a seu desejo, sua relação com os objetos incestuosos e suas identificações primárias.

Lacan nos mostra que ser mãe trata-se sempre de uma posição, de uma função que se apóia na importância do Nome-do-Pai que transcende o instinto ou a natureza e traduz uma nova expressão sobre o que significa ser mãe, a partir de uma ordem simbólica.

#### Bibliografia

- ABREU, Alba. *O Nome-do-pai e a Constituição do Sujeito na Adoção*. Publicado em: "O que pode um analista". III Encontro Brasileiro do Campo Freudiano.
- FREUD, S. *Obras Completas. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas. A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas. A Dissolução do Complexo de Édipo*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas. Algumas Conseqüências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas. Sexualidade Feminina*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas. Feminilidade*. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, J. *Os escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- NASCIMENTO, Eliane Maria Vasconcelos do. *Maternidade, desejo e gravidez na adolescência*. Salvador: EDUFBA, 2002.

## O DESEJO DA MÃE E A FUNÇÃO PATERNA NA ESTRUTURAÇÃO DO SUJEITO

Simone de Senna Gouveia Valença

Em setembro de 1897, em carta a Fliess, Freud anuncia o fim de sua fé na teoria da sedução. Ele a rejeita como uma explicação geral da origem das neuroses. Sendo assim, estava aberto o caminho para a descoberta do Complexo de Édipo e das fantasias inconscientes.

Quando Freud publicou "A Interpretação dos Sonhos", no final de 1899, considerado por ele como a chave de sua obra, os princípios da psicanálise estavam estabelecidos. A obra "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade", publicada em 1905, constituía o segundo texto fundamental a

explicar tais princípios. Entre 1905 e 1920, houve quatro edições dos "Três Ensaio". Freud nunca reescreveu, corrigiu e retificou tanto um livro quanto fez com este. Nele, há o abandono da concepção sexológica da sexualidade em favor de uma abordagem psíquica do sexual.

Em seu último trabalho, o "Esboço de Psicanálise", Freud retoma a importância da descoberta do Complexo de Édipo para a psicanálise, dizendo que só essa descoberta "já lhe daria direito a ser incluída entre as preciosas novas aquisições da humanidade".

O Complexo de Édipo está ligado à fase fálica da sexualidade infantil. Para Freud, o menino enamora-se da mãe e coloca-se como rival do pai. O menino "sai" do Complexo de Édipo pelo complexo de castração, quando reconhece na figura paterna um obstáculo para a realização de seus desejos, identificando-se com ele e abandonando seu investimento na mãe.

A menina ingressa no Édipo pela descoberta da castração e pela inveja do pênis. O complexo manifesta-se com o desejo de ter um filho do pai. A menina desliga-se de um objeto do mesmo sexo para ligar-se a outro de sexo diferente e, conseqüentemente, para a feminilidade.

Em ambos os sexos, o apego à mãe é o que ocorre primeiro.

Freud denominou complexo de castração como o sentimento inconsciente de ameaça, experimentado pela criança quando ela constata a diferença anatômica entre os sexos. A constatação dessa diferença é precedida pela teoria infantil da universalização do pênis, ou seja, a atribuição, pela criança, a todos os seres, tanto feminino quanto masculino, do pênis, é a fase que se caracteriza pela ausência de representação psíquica do sexo feminino.

O Complexo de Édipo é um processo que deve levar à posição sexual e à atitude social adulta. Quando não superado, irá continuar a exercer, a partir do inconsciente, uma ação importante e duradoura e constituir, com seus derivados, o complexo central de cada neurose.

Jacques Lacan define o Complexo de Édipo como uma função simbólica: o pai intervém sob a forma de lei para privar a criança da fusão com a mãe. Não ocorre primeiro nos meninos, mas nos dois sexos. É um processo. Lacan explica esse processo como "Metáfora Paterna", em que, pela linguagem, a mãe nomeia seu desejo quando ela dese-

ja outra coisa, o falo, e não o objeto parcial, o filho. J. Lacan chama de Nome-do-Pai a função simbólica paterna, ou seja, aquilo que constitui o princípio eficaz do Édipo que barra o Desejo da Mãe, levando a operação a um significado - o falo.

A castração não se refere apenas ao sujeito, refere-se também ao Outro, instaurando uma falta simbólica. Essa falta é, imaginária e primeiramente, apreendida como sendo da mãe, mas o sujeito deve simbolizar a falta da mãe, isto é, reconhecer que não existe no Outro garantia à qual ele próprio possa prender-se. A Neurose e a Perversão são formas de se defender dessa falta. Já na Psicose, não há a possibilidade de defesa simbólica, pois sua condição essencial é a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, o que faz com que o sujeito não esteja submetido à castração simbólica, impossibilitando a significação fálica.

Então, como já apontado por Freud, na neurose o que conta é a realidade psíquica. Não é apenas ao pai e à mãe que o neurótico permanece apegado, mas a uma situação original, gerada pelo Édipo, considerando sua realidade psíquica. Esse apego, característico da neurose, é diferente da psicose, em que não existe dissolução edípica que possa ser re-presentada. Quanto à perversão, caracteriza-se por uma montagem imutável que tem por finalidade dar acesso ao objeto e que não atribui lugar nem a uma história, nem a personagens específicas.

Enfim, podemos dizer que todas as significações que o sujeito faz na vida estão ligadas à vivência de suas questões edípicas. Neurose, psicose e perversão são diferentes saídas do drama edípico. Sendo assim, é necessário que o analista possa fazer um diagnóstico adequado da estrutura de seu analisante, de forma a determinar a melhor direção do tratamento, produzindo, com o tempo, efeitos de verdade para o sujeito.

#### Referências Bibliográficas

- FREUD, S. Obras Completas. *A Interpretação dos Sonhos*. v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.  
\_\_\_\_\_. Obras Completas. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.  
\_\_\_\_\_. Obras Completas. *O Esboço de Psicanálise*. v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.  
GAY, P. *Uma Vida para o nosso Tempo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.  
QUINET, Antonio. *Teoria e Clínica da Psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

# A Formação do Psicanalista

## A Formação do Psicanalista

A FALTA DO SUJEITO E A CAUSA ANALÍTICA - CARLA CRISTINA STORINO

Recentemente, foi veiculada na televisão uma entrevista com Procópio Ferreira, em que este tecia comentários acerca de sua vida e fechava com uma máxima: "Tudo que se pode comprar não tem valor". Esclarecia que, o que se compra, adquire o valor de troca e, por isso, pode ser substituído. Podemos articular esse axioma com o objeto da pulsão na teoria psicanalítica. O impulso oriundo da pulsão pressiona para atingir sua satisfação, no entanto o sujeito não tem acesso ao objeto, já que este está para sempre perdido. Assim sendo, a satisfação só acontece por aproximação, não tendo um objeto específico. Essa busca do sujeito é incessante, pois nem tudo da pulsão está articulado ao significante, ou seja, o objeto é apenas bordejado.

A queixa decorrente da falta pode transformar-se em algo sintomático, muito embora, o sintoma cause sofrimento ao sujeito, sendo-lhe conferido um valor inestimável, pela possibilidade metafórica, haja vista representar a satisfação pulsional. O sintoma torna-se algo caro para o sujeito, pois nele é investida sua libido. Esse gozo, circunscrito no sintoma, será contabilizado na associação livre e também através do pagamento das sessões, possibilitando à libido ser quantificada.

Lacan elege o termo gozo como algo correlato ao conceito freudiano do "mais além do princípio do prazer", algo que estaria para além do princípio do prazer, colocando o sujeito em uma relação muito estreita com o desprazer. Esse termo designa algo que é desmedido. Não obstante o sujeito encontra-se submetido ao gozo, este é proibido por implicar sua própria morte. Decorre daí um sofrimento porque esse gozo vai de encontro aos seus ideais.

No processo analítico, o sujeito é questionado sobre seu gozo e vê-se envolto em sua casca imaginária, constituída pelo "eu", da qual ele pode existir para o mundo. O desejo, por outro lado, permanece opaco, por conta do recalque, já que afronta os ideais erigidos pelo sujeito. Como o desejo e a imagem constituída pelo eu estão em direções opostas,

o confronto entre esses dois é traumático ao sujeito, pois o desejo comporta um gozo contrário aos códigos sociais.

Ao longo do tratamento, no processo de transferência, o investimento do sintoma desloca-se ao objeto que o analista banca ser para o analisante, colocando-se no lugar do objeto a. O objeto toma os mais variados contornos em sua relação com o sujeito, sustentado pela fantasia. Essa movimentação implica que a análise deve remanejar a libido.

O processo analítico deve produzir uma transformação em sujeito nas suas relações com o gozo, a partir da transformação que se opera com o saber. Ou seja, a associação livre conduz ao gozo para transformar a relação. O objeto precioso tem seu valor esvaziado. Ao promover essa mudança, também as relações com o saber são modificadas, pois há um saber implicado no gozo do sintoma.

Em 1926, Freud, em seu artigo "A questão da análise leiga", confronta a formação do analista com outras formas de conhecimento, afirmando que a prática da Psicanálise não se exerce pela aquisição do saber através dos livros, mas através da transmissão do saber inconsciente, elaborado na própria análise. Isso ocorre quando o sujeito pode suportar saber sobre o gozo que seu sintoma encerra, ou seja, pode aprender a lidar com seu sintoma.

Enquanto a promessa de felicidade, ofertada pelo capitalismo, é alcançada pela aquisição de objetos apresentados pelas propagandas, a Psicanálise traça um caminho inverso, conduzindo paulatinamente, o analisante ao traumatismo. François Leguil, em seu seminário "A entrada em análise e sua articulação com a saída", comenta que a Psicanálise deve buscar algo que concerne ao sujeito do inconsciente. Assim, ao longo do processo analítico, damos-nos conta de que é com um lugar vazio que temos que nos haver, e de que a falta inexorável ao sujeito não será recoberta. A ilusão de que esta, será preenchida perde o seu valor, restando a causa analítica.

## ALGUMAS REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE A FORMAÇÃO DO ANALISTA

Jorgina Jacob Ribas

Afinal, o que quer dizer "formação do analista"? Em que consiste? Por que algumas instituições exigem tanto e outras nem tanto no percurso da qualificação de um analista?

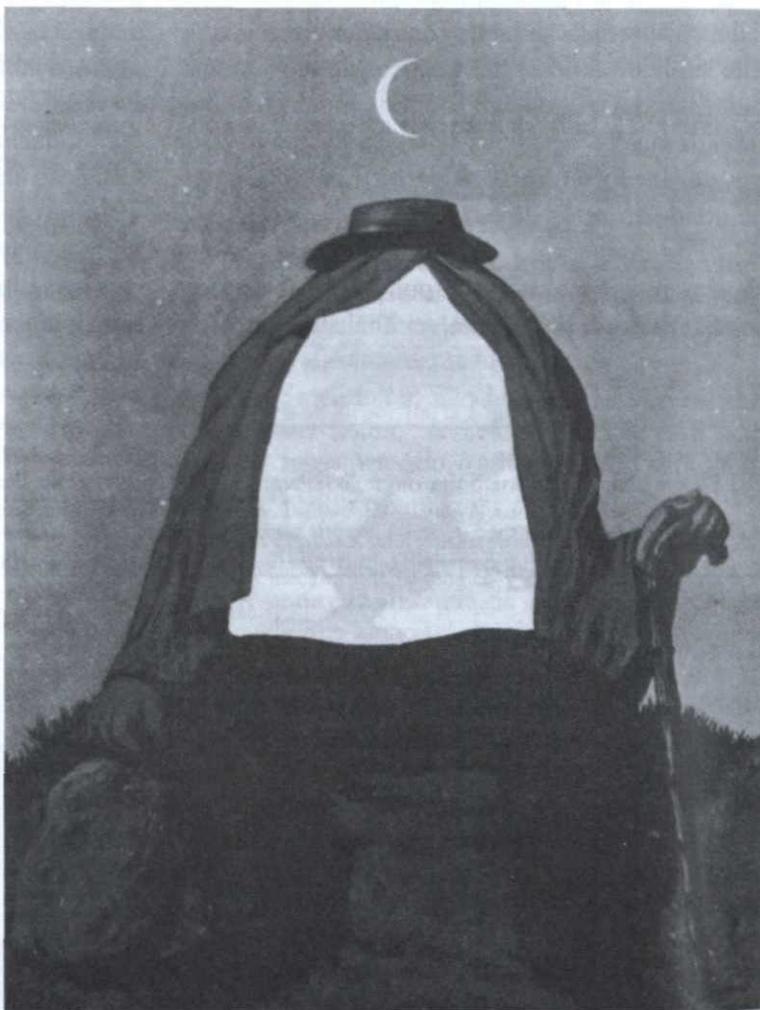
Não nos interessa nomear ou questionar a proposta dessa ou daquela instituição dita psicanalítica, mas analisar, a partir dos ensinamentos de Freud e Lacan, a proposta do tornar-se analista.

Em geral, quando se inicia o estudo em psicanálise, não se tem delineado o que seria a formação: se existiria uma formação "em teoria psicanalítica", uma "especialização" restrita a médicos e psicólogos ou, até mesmo, uma estrutura para-universitária que daria um título para exercer a psicanálise, após um número determinado de créditos e horas de análise. Qual seria a diferença?

Freud nos fala em seus artigos, principalmente em "A Questão da Análise Leiga" (1926), que *qualquer pessoa interessada pode vir a tornar-se um psicanalista, desde que, e isso é fundamental, haja transferência pela psicanálise. A pessoa deve implicar-se na causa psicanalítica, o que, certamente, não é tão fácil ou banal quanto algumas instituições propagam.*

Freud falou em seu texto "Sobre o início do tratamento" (1913) que *"a psicanálise é sempre questão de longos períodos de tempo". Sendo assim, também entendemos que a formação do analista não se faz de um único momento, mas é um processo contínuo.*

É difundida a idéia de que a formação em "teoria psicanalítica" deve ser ministrada por alguém que já tenha passado por uma formação teórica e experiência clínica, ou seja, já tenha passado por um período de análise e supervisão. No entanto, percebemos que Freud vai mais além: a formação do analista é algo muito mais complexo que apenas



o conhecimento da teoria, mesmo que advinda de muitos anos de árduo estudo. É também muito mais do que regras ou procedimentos formais, que é mais próximo de um discurso da universidade, principalmente porque um analista não ocorre dentro de uma lógica cronológica, pois, acima de tudo, deve-se levar em conta a atemporalidade inconsciente.

As exigências, além das comuns pertencentes a todas as instituições como a supervisão e estudo o fator mais importante é o destino que o sujeito dá ao seu sintoma em sua própria análise. Se a psicanálise trabalha, sob transferência, com o inconsciente, é somente na análise pessoal que, realmente, atestaremos o saber inconsciente; seus mecanismos é que irão comprovar a veracidade dos ensinamentos de Freud e podem permitir ao analisante passar à condição de analista, isto é, essa passagem dá-se pela

própria experiência e não pelo ensinamento de um outro.

A análise não é mensurável em sua quantidade de horas, mas pelo cuidado que é dado ao material inconsciente e ao modo como, aos poucos, o sujeito vai libertando-se das amarras de seu sintoma. Somente um longo percurso, onde muitas e muitas vezes o sujeito desdobra seus significantes, pode garantir-lhe a destituição subjetiva e, com ela, a possibilidade do ato analítico.

Portanto, como se vê, não basta apenas alguém ir ao analista, computar esse tempo em horas, estudar e, de repente, ser analista. A posição

do analista nada tem de glamour ou de ênfase. Ao contrário, é um lugar de cruzeira, de escutar verdades e tristezas, operando com cautela, tal qual um cirurgião. Compreender cada um em sua singularidade, sem oferecer soluções prontas, mas levando o sujeito a fabricar suas respostas diante do mal-estar, é a verdadeira função do analista.

Concluindo, diríamos que, antes de tudo, uma formação analítica implica que haja análise, definida como o modo como cada um modifica sua maneira de se haver com a castração, transferência pela causa analítica e, principalmente, que lhe advenha esse desejo como efeito da análise.

#### Referências Bibliográficas

FREUD, S. Obras Completas. *Sobre o Início do Tratamento*. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Obras Completas. *A Questão da Análise Leiga*. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. *Os Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Elizabeth & PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

# A Psicanálise e a Cultura

# A Psicanálise e a Cultura

## O AMOR NA PSICANÁLISE E NA LITERATURA - Andréa Brunetto

O que é o amor? Essa questão é tão cara aos filósofos, aos poetas e aos psicanalistas - cara em seu duplo sentido: tão prezada, à qual se tem tanto apreço; e também porque lhes custa devolvê-la - tendo em vista que todo o eixo do tratamento psicanalítico dá-se sob transferência. Freud chama de *amor transferencial*, que é um amor como outro qualquer.

Começemos com a definição dos poetas:

"Agora, como falarei de um amor que não tem, senão, aquilo que se sente, e diante do qual a palavra 'amor' é um objeto empoleirado?"

O inferno pelo qual eu passara - como te dizer? - fora o inferno que vem do amor. Ah, as pessoas põem a idéia de pecado em sexo. Mas como é inocente e infantil esse pecado. O inferno mesmo é o do amor. Amor é a experiência de um perigo de pecado maior - é a experiência da lama e da degradação e da alegria pior. Sexo é susto de uma criança. Mas como falarei para mim mesma do amor que eu agora sabia?"

É quase impossível. É que no neutro do amor está uma alegria contínua, como um barulho de folhas ao vento". (Lispector, 1991)

A visão sobre o amor que Lispector sustenta é diferente do amor cortês do século XVIII, do "felizes para sempre". Ela vê no amor um grande perigo, uma moeda de duas faces: o inferno e a alegria maior. Sua definição de amor é condizente com a socrática.

A tentativa de responder sobre o amor é antiga. Talvez *O Banquete* seja o texto mais ilustre e mais completo sobre a questão. Nele, Platão relata uma ceia de ilustres homens gregos - dentre os quais, Sócrates - na casa de Agatão onde cada um fez um discurso sobre o amor. Nesses discursos, temos várias visões: para Fedro, o amor é um grande deus que só ama o belo e envergonha-se do feio - tal visão faria entender a atitude de Hera com relação a seu filho Hefestos. Para Pausânias, o amor é mérito, aretê. Erixímaco fala como médico: o amor é saúde, a harmonia do corpo. Define-o como a adequada composição de uma unidade: o homem é a natureza.

Feitos os discursos, queremos nos deter no de Sócrates. Se, para todos que falaram antes dele, o amor era beleza, aretê, saúde, sono tranqüilo, coragem, harmonia, enfim, o amor constituía-se como tão poderoso pelas suas aquisições, Sócrates inverte tal perspectiva:

"É quando se tem que se ama ou deseja, ou quando não se tem? O que carece de beleza e de modo algum a possui, porventura dizes tu que é belo? Não. Ainda admites, por conseguinte, que o amor é belo? O amor é carente do belo e do bom e por isso o deseja".  
(Platão)

Continua seu discurso, afirmando que falará o que escutou sobre o amor do discurso de uma mulher, Diotima. Ela conta o mito do Pênia e Poros e designa o amor assim:

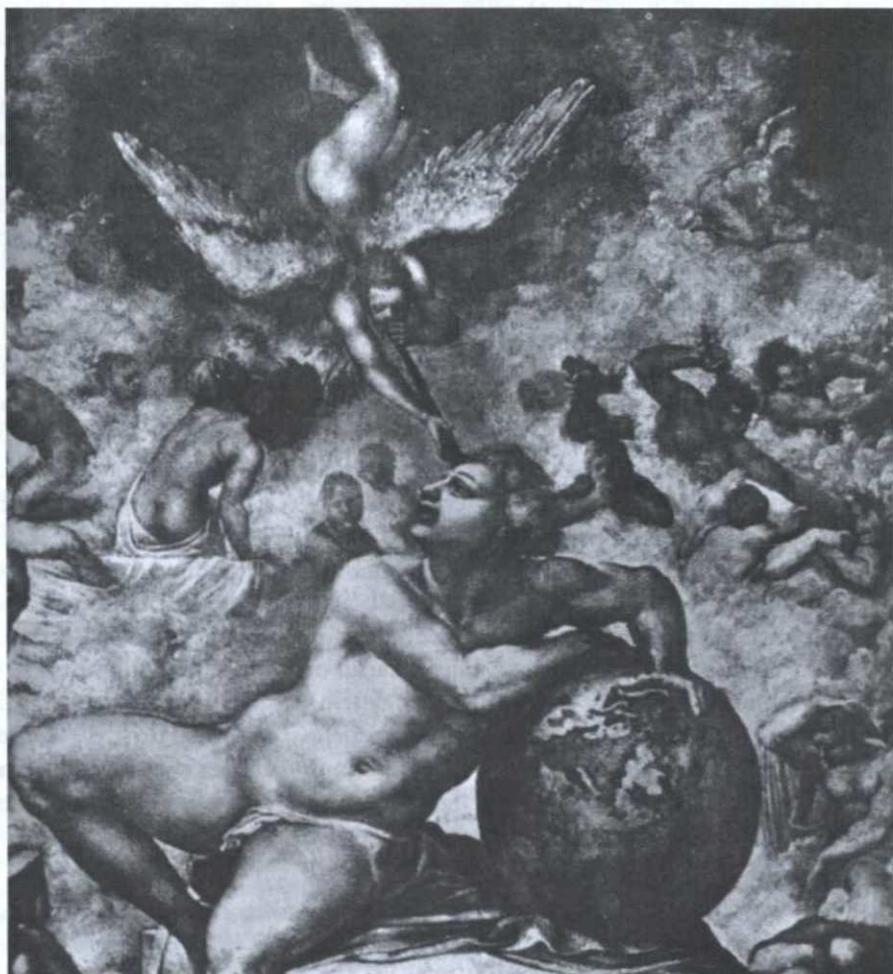
"O amor é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe (*Pênia*), sempre convivendo com a precissão." (Platão)

O mito é o seguinte: Pênia, que poderíamos traduzir por Pobreza ou Miséria, vai ser mãe do amor. É a sem recursos que se apaixona por Poros, o Recurso ou o Expediente, e vai aos festejos do nascimento de Afrodite, vê Poros adormecido e embriagado, aproxima-se dele e, à revelia de seu consentimento, gera o Amor. Assim, durante o sono de Poros, o todo-poderoso, sem que ele saiba nada, a Pobreza, à revelia do desejo dele, faz-se engravidar do Amor. Lacan afirma que esse mito mostra que se o masculino é o desejável, o feminino é o ativo.

Com o mito de Poros e Pênia, Sócrates introduz em seu discurso a função da falta no próprio cerne do enigma do amor. Nesse sentido, Clarice Lispector é absolutamente socrática:

"Ah, meu amor, não tenhas medo da carícia: ela é o nosso destino maior. O amor é tão mais fatal do que eu havia pensado, o amor é tão inerente quanto a própria carícia, e nós somos garantidos por uma necessidade que se renova continuamente. O amor já está sempre". (Lispector, 1991)

A partir do discurso de Sócrates, afirmamos que aquele que ama está sempre com o faltoso que não tem beleza, não tem abrigo, não tem excelência,



não tem nada. E esse amante vê, no amado, como Pênia viu em Poros, o recurso. Poderíamos dizer que o recurso é o que realiza o ideal.

Freud estava atento ao engodo do amor. Via em Eros a única saída para o mal-estar na civilização, mas uma saída insuficiente. Saída paradoxal e ambígua na medida em que há uma incompatibilidade

entre o amor e a civilização: o que o amor almeja é a exclusividade, o que vai levar Lacan a afirmar que "O amor é impotente ainda que seja recíproco porque ele ignora que é apenas desejo de ser Um".

No fundo amor, por mais abnegado e altruísta que seja, há um amor a si mesmo, ao ideal erigido para si, impossível de ser alcançado.

## ENIGMAS DO AMOR - Daniela Sobral Gama

*"Ninguém a outro ama, senão que ama o que de si há nele, ou suposto"*  
(Fernando Pessoa)

Não é simples falar do amor. Não somente porque, ele não existe por si, mas também porque podemos verificar que cada época da história teve seu discurso sobre o amor - entre a erótica grega e a exaltação moderna da beleza do corpo - o amor sempre foi uma teoria destinada a regular condutas a enquadrar o que ele comporta de selvageria. Lacan diria no seminário XX: ao que ele traz de real.

Inicialmente, meninos e meninas caminham lado a lado na constituição de seu ser. Ambos vivenciam a passividade no gozo do Outro, gozo original na alienação que domina o espaço materno. Ambos ingressam no gozo fálico, ativo, a partir da castração onde a questão não é mais ser o falo, mas ter o falo.

Neste sentido, a metáfora paterna opera, reposicionando o sujeito frente ao desejo, permitindo a passagem ao "ser desejante". Ser desejante podemos começar a refletir na citação acima da seguinte forma: o amor, por ser da ordem do semblante, só atinge o outro enquanto objeto, isto é, parcialmente. O objeto que se busca é, para sempre, perdido. Freud ensina, em Observações sobre Amor de Transferência, que não há amor que não seja re-edição, isto é, todo estado de amor é de segunda mão, pois o amor original, ou seja, aquele amor em que o bebê alucina ser o único objeto de amor de quem a materna está para sempre perdido na medida em que o estatuto da linguagem introduz um terceiro, uma lei que quebra a relação dual, possibilitando a castração simbólica. Lacan batiza essa castração como "Nome do Pai" que é um significante que permite a simbolização de um gozo suposto primordial e que organiza o desejo.

Uma das pontuações de Lacan a esse respeito em "Encore" precisa o fato de que a mola do amor não é o desejo, mas a demanda. A Clínica Psicanalítica opera a partir desse ponto: toda demanda é

demanda do amor; já o desejo serve para o sujeito contrariar - se ele é insaciável, ineducável. Sendo a pulsão tão perversa e polimorfa quanto a linguagem, estamos, na verdade, falando de suplência, do que sobra, do que resta como bem sublinha Freud nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade".

Retomando Pessoa, "ama o que de si há nele ou suposto", poderíamos concluir que o amor, no registro imaginário, seria narcisista, a fascinação pelo outro do espelho que reflete a imagem de si. Pela vertente simbólica: O amor seria um dom - o dar o que não se tem - que introduz a falta. A falta de que falamos refere-se à fantasia de que no estado de amor, os amantes poderiam completar-se, mutuamente, e isso não é possível. Finalmente, no que concerne ao real, teríamos a impossibilidade da relação sexual: o fazer um de dois. Essa afirmação incondicional é defendida pelos poetas, estando cada sujeito está assujeitado em sua história, suas fantasias e desejos. Sendo assim, não seria possível uni-las sem que haja diferenças.

Ao reintroduzir a temática do objeto e, com ela, a idéia central da falta, Lacan mostra, justamente, aquilo que Freud já havia apontado: o sujeito vai encontrar como parceiro quando há, nesse encontro, a possibilidade de um objeto substitutivo.

Portanto, a demanda de amor conduz a criança à identificação com seus pais. Em outras palavras, as crianças, para serem amadas, identificam-se com um significante extraído do Outro, um traço que o marque e o certifique como estando conforme as exigências e ideais do Outro. Deste ponto, é constituído seu ideal do EU, aberto ao jogo de todas as identificações sucessivas. Por isso dizemos que todo amor é re-edição, talvez aí esteja pautado um dos enigmas do amor.

### Referências Bibliográficas

FREUD, S. Obras Completas. *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

\_\_\_\_\_. Obras Completas. *Observações Sobre Amor de Transferência*. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LACAN, J. *O Seminário XX: Encore*. Paris: Du Servil, 1975.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

## Pêssego\*

Maria Lúcia Dal Farra

No pêssego  
vejo primeiro a forma  
que atrai o tato e o dedo  
para aquela sensual vertente  
(entre as duas colinas ascendentes)  
que lhe dá feição feminina  
e gingado na imobilidade.

Depois  
invade a minha pele  
o calor do veludo envergonhado  
que o fruto se esmera em disfarçar:  
a penugem me arrepia  
há um frenesi de cócegas na espinha.

Mesmo assim, peço ao pêssego licença  
para ir mais longe  
(lá onde começa o sol ou o coração)  
e me ilumino só em supor que meus dentes  
(em paciência de escavadeira)  
alcançarão sua semente, seu osso, seu caroço,  
a ponta da língua arranhando os sulcos  
com que afunda mais para o imo  
o espírito e o enigma da sua árvore imortal.

Chego a roçar o mistério com a saliva  
mas todo o meu ser se suspende  
diante da muralha de estrias  
que se adensa entre o sabor aromatizado  
e a pura inteligência -

O que oculta a urna?

Mil primaveras me esperam  
se eu souber decifrar a contente  
a chave que  
(calado)  
me instrui esse oráculo.

\* Retirada do livro: Livro de Possuídos, com autorização da autora.

# Poesia

## Tempo

Lenora de Almeida Melo Silveira

Nem tudo silencieei,  
Nem tudo disse,  
Mas, abismei os olhos  
Quando fiz contato  
(mal sabia a ponta do iceberg).

Às vezes, com o leno das mãos  
estancava o sangue derramado.  
Era gosto de passado,  
Era gosto do amargo.  
Foram anos sem me tomar nos braços,  
Me acolher e deixar apenas  
O coração bater.

Agora, desfeitos os nós,  
De marinheiros fartos,  
A cantiga outra  
E me vem como o suor  
De uma noite de amor.

Enfatizo no verso  
A crueldade dos anjos desalados,  
Cubro de mimos  
Os elos que perdi,  
Amo o espaço  
Porque o tempo raro.

Reconstruo a hipótese,  
Ando na trilha da palavra dada,  
Dispensando a poeira de que tudo feito.  
Sou tempo, sou onda  
Que se ergueu do mar.

## Ponto de Vista

**PODE A PSICANÁLISE PROMETER A FELICIDADE?** - *Alba Abreu Lima*

A cultura humana, desde os gregos, estruturou-se a partir de um princípio regulador que limita o gozo e interdita as transgressões.

Com o advento do cristianismo, fundado na crença monoteísta do mesmo deus de Akenaton, temos a instituição do pecado original e o discernimento moral para as relações entre os homens. Freud, na Conferência XXXV, "A questão de uma *Weltanschauung*", diz que a religião é uma ilusão e deriva sua força de sua presteza em ajustar-se aos nossos impulsos instintuais, plenos de desejo, porém as garantias de proteção e felicidade que ela propicia estão ligadas aos requisitos éticos e à observância de determinados mandamentos.

Seguindo essa tradição, as idéias iluministas, apoiadas no avanço do cientificismo e na educação, prometiam a felicidade se os homens respeitassem a lei e a moral. O projeto iluminista, porém, teve suas teses esvaziadas pelo efeito desumanizador do discurso da ciência. Giannetti, em seu excelente livro "Felicidade", aponta: "Entre as crenças que povoavam a imaginação e a visão de futuro iluminista, uma em particular revelou-se problemática: a noção de que os avanços da ciência, da técnica e da razão teriam o dom não só de melhorar as condições objetivas de vida, mas atenderiam aos anseios da felicidade, bem estar subjetivo e realização existencial dos homens". Analisando o crescimento econômico em sua relação com o bem-estar subjetivo, curiosamente, afirma que essa correlação só se torna possível quando existe uma 'renda psíquica', ou seja, a felicidade não depende do desempenho econômico. Para Giannetti, o maior desafio das próximas gerações será o de demonstrar como as liberdades individuais, obtidas no século XX, poderão ser compatíveis com a preservação do planeta e como ajustar

os níveis de bem-estar subjetivo.

Certamente, esse desafio não é tarefa fácil, já que convivemos com o progresso alucinante do discurso da ciência que oferece fórmulas, explicações matemáticas e, ao mesmo tempo, com a acentuação do ódio, da segregação e da guerra. Em 1915, sobre a Desilusão da Guerra, Freud afirmou sobre a Primeira Guerra: "Despreza todas as restrições do Direito Internacional, que na época de paz os Estados se comprometeram a observar: ignora as prerrogativas dos feridos e do serviço médico, a distinção entre os setores civil e militar da população, os direitos da propriedade privada...Nessa guerra, o cidadão pode, com horror, convencer-se do que ocasionalmente lhe cruzaria o pensamento em tempo de paz - que o Estado proíbe ao indivíduo a prática do mal, não porque deseja abolí-la, mas porque deseja monopolizá-la". As palavras freudianas ainda têm cadeira cativa na sociedade atual, isto é, o ser humano, no que concerne ao refreamento das pulsões destrutivas não produziu nenhuma novidade.

Entretanto, pertencer à cultura impõe o reconhecimento de que, para o gozo, há um limite. Freud denominou essa exigência de "Mal-estar na civilização". Em 1929, fez a seguinte afirmação: "Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes não só à sexualidade humana, mas à sua agressividade...O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança". Para tanto, é imprescindível inibir, mesclar, reverter e alterar os objetos dos impulsos, dirigindo-os a outras felicidades, segundo as exigências da cultura à qual se pertence.

Nesse sentido, a posição subjetiva do homem diante de seus pares é pautada pela renúncia da vivência plena da pulsão, ou seja, da felicidade ple-

na, pois esta traz como condição o inanimado, a morte. No dizer freudiano, a satisfação desmedida de todas as necessidades colocaria o gozo antes da cautela, o que abriria o campo do impossível, em termos de sobrevivência humana.

### ***O Trabalho Analítico e a Felicidade do Sujeito***

Lacan, no Seminário da Ética, comenta que o analista prepara-se para receber do paciente a demanda de felicidade e responde, contrariamente ao lugar de parceiro do amor, com um desejo advertido. A análise deve tornar possível alterar o pedido de felicidade, segundo Lacan, para que o sujeito encontre um destino, através da sublimação, para a satisfação sintomática.

A análise é um processo que conduz o sujeito ao encontro com a verdade de seu desejo, mas, para isso, é necessário um trajeto em que os sintomas tornem-se enigmas para o sujeito. Como na analogia desse processo, Freud nos diz do escultor e seu modelo de argila: "o qual trabalha incansavelmente. Modifica o esboço primitivo, remove, acrescenta, até chegar àquilo que sente ser um satisfatório grau de semelhança com o objeto que vê ou imagina" (Conferência XXXV). Nesse encontro com a verdade do desejo, ocorre uma subversão, ou seja, uma modificação da posição subjetiva frente ao gozo. É uma mudança na maneira de como o sujeito sente-se em relação aos perigos e às vicissitudes da vida. Enfim, torna-se responsável e consciente da elaboração fantasística que teceu em torno da falta estrutural. Esse efeito, provocado pelas revoluções intermináveis do significante, - sabemos quantos anos são despendidos nessas voltas - tem um efeito no real. Freud chamou esse efeito de amansamento das pulsões, em seu texto "Análise terminável e interminável".

Poderíamos dizer que existe felicidade no sintoma, pois é nele que o sujeito satisfaz-se e no circuito pulsional, goza sempre. Dito de outro modo, se a pulsão caracteriza-se pela experiência da felicidade, o desejo é quem dá a perspectiva da insatisfação, pois está submetido à ordem fálica.

A psicanálise é um percurso pela ética do

desejo que leva o sujeito do desconhecimento da verdade de seu sintoma a um saber fazer com ele. Tudo aquilo que faz parte do não sabido do sintoma é traduzido, na análise, por um desejo de saber sobre a causa da felicidade pulsional.

Da felicidade, o poeta sabe dizer melhor:

*Tristeza não tem fim*

*Felicidade sim.*

*A felicidade é como a gota*

*de orvalho numa pétala de flor*

*Brilha tranqüila*

*Depois de leve oscila*

*E cai como uma lágrima de amor.*

(Tom Jobim e Vinícius de Moraes)

Lacan evoca, em "Televisão", que o sujeito é feliz justamente porque ele só depende da sorte, do acaso, da repetição e essa é sua dependência à estrutura. Refere-se, também, à ética do bem-dizer no final da análise em oposição à tristeza. O gaio saber que "não é compreender, morder no sentido, mas raspá-lo o máximo possível, sem que ele se torne um engodo para virtude, para tal, gozar do deciframento, o que implica que o gaio saber, no final, faça dela apenas a queda, o retorno ao pecado". Ou seja, se o sujeito goza, é porque vive repetindo a experiência de satisfação.

Então, poderia a psicanálise prometer a felicidade?

Sim, desde que tomemos a felicidade como o que há de satisfação pulsional no sintoma. Lacan, na Introdução à edição alemã aos Escritos, de 1973, diz: "A boa hora (felicidade) existe. Só existe isso mesmo: a felicidade, é questão de chance! Os seres falantes são felizes, felizes por natureza... Será que por meio do discurso analítico não se poderia vir a ter um pouco mais?... a experiência de uma análise fornece àquele que chamo de analisando, o sentido de seus sintomas". Mesmo que o sujeito continue repetindo, já que é da estrutura do humano, a passagem por uma análise forneceu um esclarecimento sobre essa repetição.

Se a felicidade pulsional é condição humana, conhecer a fixação de gozo pelo deciframento da verdade cifrada no sintoma é a aposta da psicanálise para que cada um possa encontrar a direção possível de seu desejo, pela ética do bem-dizer.

## Entrevista

**Recortes de uma conversa com Taciana Mafra acerca da formação do analista, por Heloísa Prudente e Tereza Cristina Rollemberg.**



**Taciana de Melo Mafra** - Psicanalista, membro fundadora do *Toro de Psicanálise em Maceió*, editora da Revista *Antígona*, autora dos livros "Um Percurso em Psicanálise com Lacan", "A Estrutura na Obra Lacaniana" e "A Transferência", a ser lançado brevemente pela Editora Companhia de Freud.

**P.F. - Na sua opinião como se dá a formação de um psicanalista?**

T.M. - A Psicanálise, conquanto tenha como objeto de investigação o inconsciente, está imediatamente referida à Lei que funda o simbólico, portanto, o humano. Certamente, é por essa razão que sua prática consegue sustentar-se numa atopia, sem que isso a conduza a um distanciamento da Lei que rege a cultura. Em cem anos de história, a Psicanálise caminhou na direção oposta ao afrouxamento dos princípios fundamentais que regem sua prática. Temos, hoje, a mais rigorosa explicitação daquilo que regulamenta a Formação de um analista, apontado desde Freud e articulada por Lacan. Um analista é algo que se funda em uma análise. Com

Lacan nos foi possível estabelecer um certo conjunto operatório que demonstra o que é a Formação. Se, com Freud, a formação foi circunscrita para instalar e garantir a Psicanálise na cultura, com Lacan fica posta a questão da Formação, a partir do avatar do conceito de DESEJO. Estabelecidos epistemicamente os conceitos de desejo, de objeto a, do RSI, relançam-se os elementos para formular o estatuto da análise e, logo, da Formação do analista. Lacan vai fazer isso na medida em que situa o inconsciente estruturado como linguagem.

**P.F. - A formação do analista poderia seguir um modelo universitário, acadêmico como, por exemplo, cumprir um certo número de módulos em um tempo pré-fixado?**

T.M. - De maneira nenhuma. Eu sempre penso que, ao contrário de uma formação que vai se montando com o acúmulo de créditos como na experiência acadêmica, a formação do analista se constitui a partir da articulação de uma dívida simbólica. A construção da função de analista é realizada numa extrema solidão, por meio do encontro com o que há de mais íntimo e devassado, a falta radical do humano. De modo que, para cada analisante, está posta a exigência de produzir um texto singular sobre os efeitos dessa falta, de onde pode advir a urdidura de um lugar, o de analista que, ao contrário de ser uma qualificação aprendida, mensurável, modulável em um tempo determinado, é o saber fazer com a falta, com o sintoma, com o mais precário de si mesmo, com o fantasma que conduziu a análise, ao longo de um tempo que obedece a uma lógica própria. Isso nenhum mestre pode ensinar, nenhum analista pode transmitir, nenhum didata pode garantir, nenhuma instituição pode diplomar.

**P.F. - Qual o papel de uma instituição psicanalítica?**

T. M. - A instituição monta um exercício da partilha entre pares, um campo de convergência para o testemunho de uma prática. Mas, a meu ver, e isso acho que Lacan nos ensinou, não é uma instituição que produz um analista, não é uma instituição que garante que alguém é analista. Uma instituição oferece a possibilidade para a formulação de um terreno onde os analistas irão comutar, trocar a experiência de suas clínicas e de suas produções teóricas. Um lugar para ampliar as questões e os estudos do texto psicanalítico, fazendo a leitura na diferença, sublinhando o estilo.

**P.F. - Na proposição de 09 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola, Lacan disse: "Primeiro, em princípio, o psicanalista só se autoriza por si mesmo, este princípio está escrito nos textos originais da Escola e decide sua posição". Qual a sua opinião a respeito dessa frase?.**

T. M. - É preciso pensar que quando Lacan diz isso, ele diz: um analista só se autoriza de si mesmo. Não é que o analista egoicamente se autorize, porque este "si mesmo" contido nesta frase, é alguma coisa que remete ao campo do sujeito do inconsciente, campo que, na análise, é radical exigência de articulação. Eu acho que essa frase de Lacan é uma das coisas preciosas que ele legou aos analistas, aonde aponta com toda precisão o campo absolutamente singular de uma análise. Mas é preciso evitar o equívoco de pensar que esta dimensão do autorizar-se de si mesmo seja alguma coisa que qualquer um possa dizer a qualquer hora: eu sou analista! É preciso entender que essa questão de ocupar a função do analista não é uma questão de ser.

A Psicanálise vai nos demonstrar o quanto o sujeito é dividido, ultrapassando a hipótese ontológica de uma certa unidade suficiente do ser, pois isto se mostra perdido com a revelação da falta radical. Então, é preciso deixar bastante claro que o que faz com que alguém ocupe a função de analista, é uma operação muitíssimo complexa. Sem que se produza essa operação, não haverá analista. Ninguém pre-

cisa se preocupar com uma pessoa que abre um consultório e anuncia que é analista, pois isso não vai dar em Psicanálise. É claro que aqui e ali poderemos, e algumas vezes devemos, como cidadãos, fazer nossas denúncias sobre uma coisa ou outra que acontece em clínicas absolutamente delinqüentes, muitas vezes perversas.

**P. F. - Como a pessoa pode escolher um psicanalista? E que critérios você pode estabelecer para que alguém possa dar credibilidade a um analista?**

T. M. - É uma pergunta exigente, porque, veja bem, o analista não opera no nível de sua pessoa, o que vai colocando sempre a problemática das especificidades da Psicanálise. Por isso Lacan apontava a atopia da Psicanálise. Nos primórdios da IPA, Ferenczi dizia, insistentemente, que o analista tinha que ter bom caráter, ter princípios éticos, ter ultrapassado sua neurose, ter extinguido os seus sintomas. Lacan é muito rigoroso a esse propósito, ele vai dizer: é preciso ir muito além, é preciso destituir esse campo egóico e imaginário de um analista. O analista opera em sua escuta a partir de seu próprio sintoma, portanto, não é possível dizer que há um bom analista onde houver um cara legal, uma pessoa decente, que eu confio, que eu acredito, etc. Porque se dissermos que essas noções do laço social são suficientes para escolher um analista devemos apontar que será apenas na medida em que tais atribuições sejam forjadas pela transferência. Lacan nos ensina que a transferência é algo que se estabelece pela via do endereçamento a um significante qualquer. Então, alguém, às vezes, escolhe seu analista por um traço de suas feições ou por uma palavra que o ouviu dizer, ou por uma coisa que ele fez ou que o viu fazer, ou por alguém que faz análise com ele, ou pela pessoa que fez a indicação, ou seja, por qualquer termo que funde a âncora dessa atribuição. Isso é enigmático e absolutamente particular, mas é a única coisa capaz de fazer uma análise operar. Portanto, eu acho que sempre que pensamos em estabelecer esta lógica de endereçamento ao analista devemos tomar como princípio o que Freud e Lacan nos ensinaram: a transferência.

# Informes e Notícias do Campo Lacaniano

## I COLÓQUIO DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DO CAMPO LACANIANO

Fórum do Rio de Janeiro

**HISTERIA - SUJEITO, CORPO E DISCURSO**

04 e 05 de julho de 2003

## "CLINIQUE DE LA VIE AMOUREUSE"

Ecole de Psychanalyse du Champ Lacanien

Association des Forums du Champ Lacanien

Toulouse

05 e 06 de julho de 2003

## ECOLE DE PSYCHANALYSE DU CHAMP LACANIEN COLLEGE DE CLINIQUE PSYCHANALYTIQUE D'ATHENES

**Les Mystiques et la Jouissance Feminine**

Conference

11 de julho de 2003

## I ENCONTRO DA AMÉRICA LATINA DE FORUNS DO CAMPO LACANIANO

Fórum Medellín

Colômbia

18, 19 e 20 de julho de 2003

## IV JORNADAS NACIONALES DE LOS FOROS DE ARGENTINA

### Módulos Temáticos

Interpretación y transferencia - Interpretación y acto analítico - Interpretación y construcciones - Interpretación y estructuras clínicas -  
Interpretación y síntoma - Interpretación y fantasma - Interpretación y formaciones del inconsciente - Interpretación y goce -  
Interpretación y final de análisis - Interpretación y discursos.

### Informes:

gmattalia@arnet.com.ar      adiazpatron@sinectis.com.ar

Fecha de entrega de abstract: Jueves 31 de Julio de 2003

## IV FÓRUM NACIONAL DA AFCL - II ENCONTRO DA EPCL - I JORNADA DA EPCL O SUJEITO EM QUESTÃO NA PSICANÁLISE

Convidados: Carmen Gallano (Madri)

Henry Krutzen (Natal)

Carlos Pinto Correia e João Carlos Salles (Salvador)

Salvador

13 a 16 de novembro de 2003



Informações e inscrições:

 **Projeto**  
Freudiano

Av. Anízio Azevedo, 675 - Edf. Luiz Cunha, 507  
Tel. (79) 246-1905 - Aracaju - Sergipe - Brasil  
e-mail: [projetopsicanalise@ig.com.br](mailto:projetopsicanalise@ig.com.br)